

Vida na clausura

Além de monja,
uma mulher

Ana Paula de Andrade

✉ ana.paula@gazetadosul.com.br

Na semana em que foi comemorado o Dia Internacional da Mulher, uma mulher que seguiu um caminho ainda visto como pouco convencional – e talvez cada vez mais raro entre as atuais gerações –, conta como é abdicar dos mais diversos desejos para se dedicar à vida cristã e viver em clausura. Em uma conversa na varanda do Mosteiro da Santíssima Trindade Monjas Beneditinas da ordem de São Bento, localizado em Linha Travessa, no interior de Santa Cruz do Sul, madre Paula Ramos falou a respeito de família, costumes, vaidade, vida cristã e sobre como a feminilidade e a sexualidade são trabalhadas pelas monjas.

Aos 81 anos, ela transita com facilidade pelos mais diversos temas. Nascida em 1930, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é a segunda filha de um casal que tinha hábitos reflexivos e buscava esclarecimentos e causas para os acontecimentos. Hoje com a voz já trêmula, conta que optou por seguir a vida cristã em sua totalidade aos 15 anos. No entanto, postergou o projeto por causa dos estudos.

Era um período no qual as moças tinham poucas opções para seguir. A mais admitida era o magistério, mas a maioria casava e passava a cuidar dos filhos e do marido. Mas Paula foi além. Aos 21 anos graduou-se em Assistência Social e exerceu a profissão, mas por pouco tempo. “Eu já desejava entrar para o mosteiro e quando surgiu a possibilidade, vi que era tranquilo em relação à família”, conta. O único receio partiu de sua mãe. “Foi curioso. A maior preocupação dela era a separação, sabendo que a dedicação à vida religiosa deve ser total. Entrar para o mosteiro ou para o convento era dramático para as famílias”, afirma.

Mas Paula não desistiu. Seis meses depois de ter ido para o mosteiro, recebeu a primeira visita da mãe. “Fiquei 22 anos sem voltar para minha casa. A família ia me visitar. Me comunicava muito por carta com minha mãe, ela gostava de escrever e dava notícias de toda a família”, recorda. Nesta reportagem, a madre descreve a vida no mosteiro e analisa temas ainda considerados polêmicos nesse meio.

Fotos: Sabrina Rodrigues



■ Mesmo seguindo o caminho religioso há 59 anos, Madre Paula não deixou de acompanhar temas considerados polêmicos

Convivência com limites

Dentro do segmento cristão, há a opção pela vida monástica e foi a esta que madre Paula se converteu aos 22 anos. Uma realidade hoje pouco conhecida. “É uma opção integral. Todas as nossas atividades são orientadas para o mesmo objetivo e é isso que dá a característica ao monasticismo. E ele existe não só no cristianismo, mas também em outras crenças ou opções filosóficas de vida.”

A religiosa aborda um tema muito associado à vida na clausura, ao comentar que já houve épocas na Igreja em que se impunha às mulheres uma segregação muito agressiva. Os conventos inclusive tinham grades. “Ainda existem alguns no mundo, mas isso se explica

historicamente. Era uma necessidade de defesa, porque a mulher era impotente e indefesa em certos aspectos da cultura. E não foi só na Idade Média, também na Idade Moderna, depois da Renascença, isso foi até radicalizado.

“Temos uma vida social limitada. Nossa vida transcorre aqui e esporadicamente nós temos contato com outras congregações religiosas. Aqui é nossa cidade. Aqui rezamos, estudamos, trabalhamos

Essa estrutura foi se transformando aos poucos. “Hoje as congregações monásticas suprimiram essas medidas. Então a imagem de clausura, de pessoas que não são vistas, que ficam atrás de grades, vem desaparecendo”, pondera.

PROCURA



Os mosteiros não são mais tão numerosos como já foram. “Na Idade Média, por exemplo, em países da Europa era uma situação muito comum as mulheres viverem em mosteiros, assim como os homens também”, diz madre Paula. Ela avalia que um dos fatores que podem ter influenciado para que o número de mulheres nos conventos e mosteiros tenha diminuído nos últimos anos é o fato de as famílias hoje serem menores.

A criança e os estímulos

Uma análise que pode ser interpretada como conservadora, nas palavras da madre serve como um alerta às famílias. Para ela, o estímulo da sexualidade, aparentemente cada vez mais precoce, pode ser equivocado. “Foram introduzidos costumes muito prejudiciais, que acabam sendo violentos. É uma necessidade psicológica que se põe em cima das meninas e rapazes de que sexo é bom, é isso e aquilo. Isso de que menino tem que olhar para menina e vice-versa é muito transmitido já para crianças. É uma certa violência, que as pessoas não identificam como tal e veem como liberdade.”

“Vemos meninas que chegam aqui (no Mosteiro), com 7 anos, vestidas como moças, mulheres mesmo. As crianças não têm mais tempo de brincar, de ter sua fantasia, porque é tudo imposto a elas